

Dona Vilma - Yá Mukumby

Vilma Santos, a Yá Mukumby como era conhecida, chegou a Londrina em 1961, então com 11 anos. E na vizinha cidade de Cambé (16 km de Londrina), ela coordenou durante 45 anos o terreiro de Candomblé Ilê Axé Ogum Megê, do qual foi fundadora. Ela foi uma das mães de santo do candomblé mais conhecidas da região e referência do Movimento Negro paranaense.

Quando se trata de resistência negra em Londrina, é impossível não falar de D. Vilma ou Yá Mukumby, como é conhecida. A história de luta do Movimento Negro londrinense perpassa a história de vida desta mulher nascida em Jacarezinho, no interior do Paraná, no dia 17 de julho do ano de 1950. D. Vilma é filha de Allial Oliveira dos Santos, nascida em Piraju, São Paulo, e Antonio dos Santos, nascido em Paraisópolis, Minas Gerais. Seus pais foram para Jacarezinho na época em que o cultivo de cana trouxe para a região muitos trabalhadores dos estados de São Paulo e Minas Gerais, para trabalhar em uma usina de produção de açúcar no município

Foi em Jacarezinho que Sr. Antônio e Dona Allial se conheceram e se casaram, em 1949. Após 11 dias do nascimento de D. Vilma, em 1950, o seu pai faleceu, aos 22 anos de idade. A mãe de D. Vilma, então, ficou sozinha e responsável por cuidar da filha recém-nascida e também de sua mãe — Georgina Almeida de Oliveira, que era paralítica. Foi com a profissão de costureira, que aprendera com sua mãe, que Dona Allial conseguiu manter sua família.

Em 1951, D. Allial mudou-se para Londrina, junto com sua mãe e sua filha. Foi um tio de D. Vilma, Leodoro Almeida de Oliveira, irmão de D. Allial, quem colaborou para a vinda da família para a nova cidade que emergia no Norte do Paraná

Pode-se pensar que foi por meio do tio Leodoro que D. Vilma, ainda criança, teve os primeiros contatos com as reflexões sobre a temática racial. A casa onde morava com sua mãe e avó ficava ao lado da Associação Recreativa Operária de Londrina (AROL), na Vila Nova. Importante destacar que tio Leodoro

juntamente com Manoel Cypriano e Dr. Oscar Nascimento desempenharam um papel muito importante na formação da primeira organização negra da cidade.

D. Vilma casou-se aos 24 anos de idade, em 1974, com Flávio de Oliveira, que atua profissionalmente como pintor. Tiveram quatro filhos e adotaram mais dois, são eles: Gislene Helena Santos de Oliveira, Lincoln Santos de Oliveira (em memória), Robson Eduardo de Oliveira, Patrícia Fernanda de Lima, Vanessa Santos de Oliveira e Victor Jubiaba dos Santos.

Apesar da enorme influência de D. Vilma no meio acadêmico londrinense, ela teve sua vida escolar marcada por diversos problemas. Em decorrência da discriminação racial (traço marcante na vida da população negra no Brasil) e também do que os médicos chamaram de crises de epilepsia, que sofria na adolescência, ela não pôde completar o segundo grau. Sua trajetória escolar começou na Escola Estadual Nilo Peçanha e continuou na Escola Estadual José de Anchieta.

A passagem da infância para a adolescência de D. Vilma foi marcada pelo que os médicos chamavam de crises epiléticas. A busca de tratamento convencional não resolveu seu problema de saúde, o que fez com que sua mãe procurasse ajuda religiosa, a princípio em um Centro Espírita, e depois na Umbanda. Assim, D. Vilma passou a participar dos cultos umbandistas, posteriormente conhecendo o Candomblé por intermédio de uma tia, Maria Almeida de Andrade. Suas crises de epilepsia foram superadas e Dona Vilma tornou-se uma iniciante no Candomblé, conquistando um prestígio muito grande dentro da religião

Aos 26 anos, D. Vilma tornou-se Mãe de Santo, Yalorixá Mukumby Alagângue, qualidade de seu Orixá, Ogum da Nação Angola. Sua Casa de Candomblé, situada no bairro Josiane, em Cambé, nomeada Ilé Ashé Ogum Mêge, provavelmente é uma das mais antigas da região de Londrina, sendo erguida com recursos próprios na década de 1970, levando aproximadamente 10 anos para ser construída. No Ilé Ashé Ogum Mêge, são realizados vários projetos socioeducacionais e culturais, cujo principal objetivo é promover a cidadania e a preservação da cultura afro-brasileira, atingindo principalmente os grupos populacionais marginalizados e discriminados.

Na década de 1970, Yalorixá Mukumby passou a desenvolver as atividades do Terreiro, trabalhando na conservação da cultura afro-brasileira. Foi nessa época que iniciou sua militância política e negra, inspirada pelas lições acumuladas do cotidiano (convivendo com o racismo e a discriminação), do movimento estudantil e da formação familiar vinculada ao tio Leodoro e à AROL. Já Mukumby começou a participar do grupo União e Consciência Negra, inicialmente organizado por Nilson Domingues, e posteriormente engajou-se no Movimento Negro de Londrina, liderado na época por Idalto José de Almeida. A partir desse momento, dedicou sua vida pessoal às bandeiras sociais e políticas deste agrupamento. Sua trajetória política e religiosa, no Candomblé, no movimento negro e, a partir da década de 1980, no Partido dos Trabalhadores (PT) fez com que D. Vilma conquistasse visibilidade e passasse a ser conhecida e respeitada pela sociedade londrinense envolvida com o debate político e racial. Juntamente com outros representantes do Movimento Negro, também participou da elaboração de aproximadamente 21 Semanas Zumbi dos Palmares na cidade de Londrina.

A participação de D. Vilma em projetos oficiais ocorreu a partir do encontro realizado pelo CENARAB (Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-brasileira) , no início dos anos 1990 em Florianópolis-SC. Desde então, assumiu a incumbência de disseminar os ideais dessa entidade por todo o Norte do Paraná. Essa militância, inspirada na difusão dos valores e da cultura africana e sua resistência no Brasil, aproximaram-a de Idalto José de Almeida, seu amigo e militante do movimento negro de Londrina, juntos articularam a criação do Pro-Ranti, cujo significado na língua yorubá é “aqueles que todos devem lembrar”.

Dona Vilma também ajudou a construir o carnaval de Londrina, primeira grande expressão da cultura negra na cidade. A menina Vilma tinha dez anos quando assistiu à criação da nossa primeira escola de samba, a Unidos da Vila Nova, fundada em 1960. Mas sua paixão foi a Quilombo, ou Grêmio Recreativo Quilombo dos Palmares, surgida em 1984 – e que de alguma maneira politizou os temas dos enredos; nos anos 80 o carnaval estava nas mãos de uma nova geração de jovens lideranças negras. Joaquim Braga, o Braguinha, alma da

Quilombo, ressalta que por um bom tempo a casa de D.Vilma no jardim Hedy foi a sede informal da escola.

Em 20 de novembro de 2002, no Dia da Consciência Negra, a Câmara Municipal de Londrina instituiu o Prêmio Zumbi dos Palmares, que objetiva homenagear militantes do movimento negro, no qual a primeira edição contemplou o Dr. Oscar do Nascimento e D. Vilma Santos de Oliveira.

O ano de 2008 marca a realização de mais um importante projeto edificado por D. Vilma, o show “Vilma de todos os Santos” que foi financiado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), cujo objetivo é difundir sambas de roda para a comunidade.

A visibilidade e importância de D. Vilma na imprensa local e nacional foram constituídas pelo seu trabalho, tanto é que se tornou uma Mestre Griô em 2009, vinculada ao Ministério da Cultura, sendo reconhecida por promover a tradição oral como preservação da cultura negra, a partir do seu trabalho nas escolas públicas de Londrina.

Importante lembrar a luta de D. Vilma para a implementação das cotas na Universidade Estadual de Londrina, um importante passo que possibilitou a mobilidade da população negra na cidade, trazendo para o campus da UEL novos estudantes em diversas áreas do conhecimento. A Nossa Yá Mukumby lutou até o último dia de sua vida pelo seu povo, pela justiça social e por um mundo diferente, mais igualitário e livre do racismo.